

O CUIDADO COMO ACOLHIMENTO À DIFERENÇA NA EDUCAÇÃO INCLUSIVA

CARE AS ACCEPTANCE OF THE DIFFERENCE IN INCLUSIVE EDUCATION

EL CUIDADO COMO ACEPTACIÓN DE LA DIFERENCIA EN LA EDUCACIÓN INCLUSIVA

André Luiz de Araújo

Doutor em Letras Estudos Literários pela UFMG. Professor do Curso de Letras e do Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), Recife/PE.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2542-0733>, e-mail: andre.araujo@unicap.br

Juliana Boff Aramayo Cruz

Psicóloga e Doutoranda em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná – PUCPR.
Coordenadora Pedagógica do Ensino Fundamental da rede privada de Ensino, Curitiba /PR.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2451-2134>, e-mail: julianaboffac@gmail.com

Rafael Furtado da Silva

Mestre em Educação em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná – PUCPR.
Psicopedagogo da Educação Básica da rede privada de Ensino, Curitiba /PR.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9531-1546>, e-mail: rafhasil6@gmail.com

Renata Cristina Alves da Rocha

Psicóloga Clínica e Escolar (UEL). Mestranda em Bioética pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná -PUCPR. Psicóloga na Educação Básica da rede privada de Ensino, Curitiba /PR.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5360-118X>
E-mail: renatacrisrochao610@gmail.com

RESUMO

O presente artigo reflete sobre o cuidado como preocupação e atenção no processo de ensino-aprendizagem dos educandos com deficiência intelectual. A pesquisa surge da práxis pedagógica na educação inclusiva. Utiliza-se como metodologia a revisão bibliográfica, com aporte reflexivo e crítico, baseada no conceito de cuidado do filósofo Martin Heidegger (2005), do filósofo e teólogo Leonardo Boff (2013, 2014) e da educadora Luigina Mortari (2018). Na *Fábula-mito do cuidado*, citada na obra *Ser e Tempo* de Heidegger (2005) e posteriormente interpretada por Leonardo Boff (2014) no livro *Saber cuidar*, o cuidado já era considerado essencial para a existência humana. Cuidar, no âmbito da educação inclusiva, significa valorizar a dignidade humana, a autonomia e o espaço acessível para a reflexão-ação. Além disso, reflete-se sobre o cuidado e a educação inclusiva, como atenção às diferenças e acolhimento do outro. Conclui-se que uma educação, centrada no cuidado, prioriza o diálogo, preocupa-se com a vida e reconhece a singularidade e a pluralidade dos sujeitos.

Palavras-chave: Cuidado; Educação Inclusiva; Deficiência Intelectual; Acolhimento; Ensino-Aprendizagem.

ABSTRACT

This article reflects on care as a concern and attention in the teaching-learning process of students with intellectual disabilities. The research arises from the pedagogical praxis in inclusive education. The bibliographic review is used as methodology, with a reflective and critical contribution, based on the concept of care by the philosopher Martin Heidegger (2005), the philosopher and theologian Leonardo Boff (2013, 2014), and the educator Luigina Mortari (2018). In the *Fable-myth narrative of care*, cited in the work *Being and Time* by Heidegger (2005) and later interpreted by Leonardo Boff (2014) in the book *Saber cuidar*, care was already considered essential for human existence. Caring, within the scope of inclusive education, means

valuing the human dignity, the autonomy and the accessible space for reflection-action. In addition, it is reflected on care and inclusive education, as attention to differences and acceptance of others. As a result, it is clear that an education, centered on care, prioritizes dialogue, is concerned with life, and recognizes the uniqueness and plurality of the subjects.

Key-words: Care ; Inclusive Education ; Intellectual Disability ; Acceptance ; Teaching-Learning.

RESUMEN

El presente artículo reflexiona sobre el cuidado como preocupación y atención en el proceso de enseñanza-aprendizaje de los educandos con discapacidad intelectual. La investigación surge de la praxis pedagógica en la educación inclusiva. Se utiliza como metodología la revisión bibliográfica, con aporte reflexivo y crítico, basado en el concepto de cuidado del filósofo Martín Heidegger (2005), del filósofo y teólogo Leonardo Boff (2013, 2014) y de la educadora Luigina Mortari (2018). En la *Fábula-mito del cuidado*, citada en la obra *El Ser y el Tiempo*, de Heidegger (2005) y posteriormente interpretada por Leonardo Boff (2014), en el libro *Saber cuidar*, el cuidado ya se consideraba esencial para la existencia humana. Cuidar, en el ámbito de la educación inclusiva, significa valorar la dignidad humana, la autonomía y el espacio accesible para la reflexión-acción. Además de eso, se reflexiona sobre el cuidado y la educación inclusiva, como atención a las diferencias y aceptación del otro. Se concluye que una educación centrada en el cuidado prioriza el diálogo, se preocupa por la vida y reconoce la singularidad y la pluralidad de los sujetos.

Palabras-clave: Cuidado; Educación Inclusiva; Discapacidad Intelectual; Acogida; Enseñanza-Aprendizaje.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa surge da reflexão-ação, isto é, da práxis na educação inclusiva. Embora muito se tem discutido acerca da inclusão, no âmbito educacional, percebe-se que, às vezes, a ação fica limitada por falta de formação de docentes para trabalhar com educandos com deficiência intelectual (DI).

Cabe destacar, inicialmente, que esse conceito, a partir de uma perspectiva interacionista, prioriza a relação do sujeito com a realidade sociopolítica e cultural. Nesse sentido, Diament (2006, p. 417) propõe que “[...] a variação da inteligência entre os componentes de uma população não depende somente de seu genótipo, mas também das diferenças ambientais”.

Nosso argumento parte do princípio do cuidado como elemento fundamental na educação, visto que possibilita uma compreensão da complexidade dos educandos. Isso indica não somente o reconhecimento da pluralidade no ambiente escolar, mas também o acolhimento aos educandos com deficiência intelectual, além de um projeto pedagógico que valorize e promova a autonomia dos sujeitos. A partir de um pensamento de educação para todos, garantido pela LDB de 2015, confirma-se que a educação é:

[...] direito da pessoa com deficiência, assegurados sistema educacional inclusivo em todos os níveis e aprendizado ao longo de toda a vida, de

forma a alcançar o máximo desenvolvimento possível de seus talentos e habilidades físicas, sensoriais, intelectuais e sociais, segundo suas características, interesses e necessidades de aprendizagem (BRASIL, 2015, n.p.).

Observa-se que o cuidado garante a existência dos seres vivos no mundo. A ausência, isto é, o descuido, pode gerar sérios danos à vida. Com base nesse contexto, surge o problema do presente trabalho: como perceber o cuidado na educação inclusiva como acolhimento da complexidade no ambiente escolar?

Esta pesquisa tem como metodologia a revisão bibliográfica, com aporte reflexivo e crítico, baseada no conceito de cuidado, a partir do filósofo Martin Heidegger (2005), do filósofo e teólogo Leonardo Boff (2013,2014) e da educadora Luigina Mortari (2018). Ao considerar o que foi apresentado nas obras desses autores, entende-se o cuidado como cura, atenção, preocupação, dedicação, acolhimento e atitude amorosa. A novidade da pesquisa faz-se presente na compreensão do cuidado como elemento essencial da educação inclusiva, dado que contribui para desenvolver a consciência dos educandos sobre suas existências no mundo, ou seja, seres que compartilham espaço com os outros.

Para tanto, vamos optar, neste artigo, por seguir a seguinte estrutura: na primeira seção, uma compreensão do cuidado na educação inclusiva; na segunda, o cuidado como atenção às diferenças na educação inclusiva; na terceira, o cuidado de si como acolhimento de si mesmo e dos outros. Conclui-se que uma educação baseada no cuidado busca a valorização da vida, além de se preocupar e reconhecer a singularidade e a pluralidade dos sujeitos no mundo.

O cuidado na educação inclusiva

Ao refletir criticamente a respeito do conceito de cuidado, percebe-se que ele, nos últimos séculos, tornou-se essencial para conservação da vida dos seres vivos na Terra. Heidegger, Winnicott, Luigina Mortari, Leonardo Boff, Célestin Freinet, Michel Foucault e Bernardo Toro contribuíram, significativamente, com seus diversos escritos, para o aprofundamento do conceito de cuidado na psicologia, na filosofia, na teologia e na educação.

Entende-se que o cuidado se concretiza no diálogo, na inclusão e na escuta atenciosa das famílias e dos educandos. Para Heidegger (2005), o cuidado é inerente ao ser humano e se revela na relação dos sujeitos com os outros e com mundo.

Nesta pesquisa, busca-se compreender a categoria do cuidado dos educandos com deficiência intelectual no âmbito da educação inclusiva. Para tanto, faz-se necessário entender o conceito de cuidado, tal qual definido pelo filósofo e teólogo Leonardo Boff:

O cuidado somente surge quando a existência de alguém tem importância para mim. Passo então a dedicar-me a ele; disponho-me a participar de seu destino, de suas buscas, de seus sofrimentos e de seus sucessos, enfim, de sua vida. Cuidado significa então desvelo, solicitude, diligência, zelo, atenção, bom trato. Como dizíamos, estamos diante de uma atitude fundamental, de um modo de ser mediante o qual a pessoa sai de si e centra-se no outro com desvelo e solicitude (BOFF, 2014, p. 103)

Partindo dessa definição de cuidado, baseada no pensamento de Heidegger, Boff assegura que o cuidar de si, dos outros e do mundo é fundamental para manutenção da vida. Segundo Boff (2013), a ausência do cuidado colabora para os fenômenos de descuido com a vida dos seres humanos, dos animais e da natureza.

Em virtude do que foi mencionado, compreende-se a importância do cuidado como atenção e preocupação com o processo dos discentes de inclusão. A respeito desse tema, Fonseca (2015, p. 65) defende que “[...] aprender envolve a simultaneidade da integridade neurobiológica e a presença de um contexto social facilitador”. Nesse sentido, o cuidado presume sempre a existência de um outro. Quem é esse outro? Alguém que é humano como eu, porém, diferente de mim; é, ao mesmo tempo, semelhança e diferença. “Semelhante a si mesmo por sua humanidade, diferente de si mesmo por sua singularidade pessoal e/ ou cultural” (MORIN, 2015, p. 73).

Boff (2014) destaca duas formas de os sujeitos agirem no mundo: a partir do trabalho e do cuidado. Para o bem viver, é preciso articular de forma harmoniosa o modo-de-ser-trabalho e o modo-de-ser-cuidado. O primeiro ocorre na interação e intervenção do homem na sua realidade, em seu contexto. Abrange o trabalho, a rotina, o tempo medido — *crónos*. Predomina o domínio sobre as coisas, para colocá-las a serviço dos interesses humanos. Já o modo-de-ser-cuidado não é oposto ao trabalho, “mas lhe confere uma tonalidade diferente” (BOFF, 2014, p. 109). Nessa perspectiva, o trabalho continua existindo, contudo, a forma do homem se relacionar é diferente. Passa da relação de domínio sobre para uma relação entre alteridades, para uma convivência, coexistência. Nessa perspectiva, surge o *kairós* (tempo vivido na plenitude), um tempo qualitativo, a

“realidade espiritual do tempo” (BACHELARD, 1994, p.88). Portanto, passa de uma relação de dominação para a comunhão, aspecto essencial ao se discutir a educação inclusiva.

A partir da compreensão do modo-de-ser-cuidado, cuidar é garantir espaços de acolhimento, de mediação e de diálogo com os sujeitos com deficiência intelectual. É de fundamental importância conhecer a deficiência intelectual para compreender a necessidade do cuidado dos alunos. Para Vygotsky (1997), novos processos podem surgir como resposta do organismo e da própria personalidade diante dos desafios, ativando funções que compensam a deficiência, equilibram a pessoa e suprem as demandas advindas da relação com o mundo. O dano biológico somente gerará impacto restritivo na vida da pessoa quando houver resposta social negativa, em sentido contrário, poderá servir como estímulo ao indivíduo em seu processo de desenvolvimento.

Segundo Dias e de Oliveira (2013), o principal argumento de Vygotsky (1997) sobre as deficiências não implica, necessariamente, menor desenvolvimento, mas uma organização psíquica qualitativamente diversa daquela comumente observada. Além disso, destaca-se que a deficiência não deve ser tratada como algo estático, "uma coisa em si", mas como um processo contínuo.

A escola, ao acolher esses educandos, assume a missão de elaborar um projeto de inclusão que possibilite a aprendizagem por meio da reflexão-ação. Sendo assim, o cuidado torna-se essencial na educação inclusiva, visto que sua ausência fortalece a exclusão dos sujeitos.

O cuidar, então, representa o resgate da dignidade dos educandos e o reconhecimento dos seus ritmos e modos de aprendizagem. Dessa forma, o educando sente-se acolhido e amado no seu processo de aprendizagem. Sob este ponto de vista, Mortari (2018, p. 214) considera que “[...] quando se pede a alguém para falar das experiências de cuidado que marcaram a própria vida, com frequência, as pessoas retornam aos primeiros anos da escolarização, indicando como o modo de ser do professor era fundamental”.

Esse processo de cuidado na educação inclusiva permite o conhecimento das habilidades, das competências e das dificuldades dos estudantes. Em consonância com Fonseca (2015), tal processo acontece por intermédio da mediação e de forma diferente da educação tradicional. Percebe-se, nesta educação, uma homogeneização dos sujeitos e do método usado no ensino-aprendizagem.

A educação inclusiva, por outro lado, ao reconhecer o cuidado como centralidade do processo de ensino-aprendizagem, rompe com a educação tradicional. Isso indica que o método tradicional priorizava o desenvolvimento cognitivo e não a complexidade dos sujeitos. Como aponta Morin (2000, p. 38), “[...] o ser humano é ao mesmo tempo biológico, psíquico, social, afetivo e racional”.

Torna-se evidente que a educação, por muito tempo, demonstrou a ausência do cuidado, preocupação e atenção com o processo personalizado dos educandos, isto é, com seu modo de ser, conviver e aprender no mundo. Diante de tal contexto, Portilho e Almeida (2008) reconhecem a necessidade de uma mudança no processo de ensino-aprendizagem, considerando que:

[...] hoje o objetivo primeiro da ação docente deve ser a construção do conhecimento, visando ao pleno desenvolvimento de todas as potencialidades de cada indivíduo, sejam elas intelectuais, afetivas, sociais, criativas ou morais. Isto só se tornará possível a partir do momento em que se deixem para trás os modelos prontos, a cópia, a reprodução, a transmissão pura do conhecimento como se o professor fosse detentor do mesmo e o aluno, uma tábula rasa, sem conhecimento prévio ou experiência (PORTILHO; ALMEIDA, 2008, p. 273).

O cuidado se revela, como se vê, na responsabilidade com os outros e com mundo. Isso implica uma educação que compreende o sujeito na sua totalidade. Ou seja, Portilho e Almeida (2008) se referem a uma educação integral, que forma sujeitos éticos, solidários, críticos e competentes para atuação na sociedade, onde se concretiza o cuidado na práxis humana. Nesse contexto, uma educação inclusiva é baseada na autonomia, na responsabilidade e na dignidade dos sujeitos, além, é claro, de um projeto político-pedagógico de inclusão que possibilite um ambiente escolar de cuidado, respeito e empatia. Salienta-se, ainda, que se encontram na educação inclusiva educandos que carregam em suas histórias pessoais marcas de um sistema de exclusão. Sendo assim, é fundamental um olhar cuidadoso para a história desses discentes e o conhecimento coletivo das suas habilidades e competências, como meios para elaboração de um projeto de vida desses sujeitos.

Nesse aspecto, ao citar a *fábula-mito sobre o cuidado*, Heidegger (2005) assegura que o cuidado está presente na vida do ser humano desde do princípio. O filósofo afirma que o cuidado possibilita a existência humana no mundo. A partir dos aspectos expostos,

a educação inclusiva, como espaço concreto de cuidado, busca conscientizar os sujeitos de sua presença histórica e transformadora da realidade sociopolítica e que não prioriza a inclusão.

Nesse sentido, Mortari (2018, p. 243) destaca a importância do acolhimento desses sujeitos na escola e na sociedade. Afinal, “[...] saber aceitar o outro nas qualidades do seu ser é uma ação que restitui ao outro o sentido do seu valor, gerando, por sua vez, a capacidade de autoaceitação”.

Conseqüentemente, o cuidado na educação inclusiva significa uma atitude de responsabilidade, não só com o processo de ensino-aprendizagem dos educandos, mas também com a conscientização dos sujeitos como seres humanos autônomos e críticos no mundo e com o mundo. Convém lembrar que o cuidado se manifesta no diálogo sujeito-sujeito e no acolhimento da complexidade humana. Desse modo, torna-se essencial, na próxima seção, aprofundar a reflexão sobre o cuidado e a diferença dos educandos na educação inclusiva.

O cuidado como atenção às diferenças na educação inclusiva

O filósofo e teólogo Leonardo Boff narra a *fábula-mito do cuidado*, presente na obra *Ser e tempo* (2005), do filósofo Martin Heidegger, e esclarece que o cuidado é necessário para a conservação da vida dos seres vivos na Terra. De acordo com Boff:

Certo dia, ao atravessar um rio, Cuidado viu um pedaço de barro. Logo teve uma ideia inspirada. Tomou um pouco do barro e começou a dar-lhes forma. Enquanto contemplava o que havia feito, apareceu Júpiter. Cuidado pediu-lhe que soprasse espírito nele. O que Júpiter fez de bom grado. Quando, porém, Cuidado quis dar um nome à criatura que havia moldado, Júpiter proibiu. Exigiu que fosse imposto o seu nome. Enquanto Júpiter e o Cuidado discutiam, surgiu, de repente, a Terra. Quis também ela conferir o seu nome à criatura, pois fora feita do barro, material do corpo da Terra. Originou-se, então, uma discussão generalizada. De comum acordo, pediram a Saturno que funcionasse como árbitro. Este tomou a seguinte decisão que aparece justa: “Você, Júpiter, deu-lhe o espírito; receberá, pois, de volta este espírito por ocasião da morte dessa criatura. Você, Terra, deu-lhe o corpo; receberá, portanto, também de volta o seu corpo quando essa criatura morrer. Mas como você, Cuidado, foi quem, por primeiro, moldou a criatura, ficará sob seus cuidados enquanto ela viver. E uma vez que entre vocês há acalorada discussão acerca do nome, decido eu: esta criatura será chamada Homem, isto é, feita de húmus, que significa terra fértil (BOFF, 2014, p. 51-52).

No pensamento de Heidegger, o cuidado configura a constituição dos seres humanos e sua existência no mundo. Para Boff (2013), essa fábula-mito está repleta de significados, pois apresenta o ser humano como um ser vulnerável que surge do cuidado e como um ser de cuidado. Isso não faz crer na superioridade dos humanos sobre os demais seres vivos, mas o que acontece é o contrário; o homem é posto como ser com os demais seres no/com o mundo.

A rigor, Heidegger (2005, p. 263) considera que “[...] a condição existencial de possibilidade de “cuidado com a vida” e a “dedicação” deve ser concebida como cura num sentido originário, ou seja, ontológico”. O conceito de cuidado, a partir de Heidegger, tornou-se fundamental em diferentes áreas do conhecimento. Atualmente, está presente nos diversos escritos sobre ética, saúde, políticas públicas, educação e meio ambiente, como uma preocupação com o futuro da vida na Terra.

A reflexão sobre o cuidado, no âmbito da educação inclusiva, também surge da preocupação constante com a inclusão dos educandos na sociedade. Nesse sentido, Morin (2000, p. 39) afirma que “[...] a educação deve promover a inteligência geral apta a referir-se ao complexo, ao contexto, de modo multidimensional e dentro da concepção global”. Com isso, a educação inclusiva reconhece a importância de um acompanhamento interdisciplinar dos educandos. Forma-se uma rede de apoio pedagógico, psicológico, neurológico e familiar, fundamentada no cuidado do sujeito cognoscente. Essa relação de cuidado dos educandos não deve contribuir para a dependência e a passividade dos sujeitos, mas para promover a autonomia, a criatividade e a curiosidade pelo conhecimento.

No campo da educação inclusiva, é possível perceber a heterogeneidade no espaço escola. A diferença, nesse ambiente, não significa exclusão, mas o reconhecimento da singularidade e da pluralidade dos educandos no processo de aprendizagem e no mundo. De acordo com Portilho e Almeida (2008), a escola representa a diversidade social, por isso, precisa valorizar uma formação humana integral fundamentada no cuidado de si, dos outros e do mundo.

É importante ressaltar que a aprendizagem dos educandos com deficiência intelectual não se pode reduzir somente ao ambiente escolar, visto que eles precisam lidar, cotidianamente, com os desafios de uma sociedade não inclusiva. Dado o exposto, Portilho e Almeida (2008) lembram que “[...] nesta sociedade globalizada, não basta apenas

aprender muitas coisas, é preciso aprender coisas diferentes e em um tempo curto. ” (PORTILHO; ALMEIDA, 2008, p. 476).

O desafio da educação inclusiva é trabalhar com ritmos e com estilos de aprendizagem diferentes, considerando a sociedade neoliberal que valoriza a produção, padronização e velocidade do tempo. Isso implica uma educação do cuidado dos sujeitos, isto é, uma formação humana que reconhece a importância da inclusão e do respeito à complexidade.

O cuidado, nesse sentido, representa uma dedicação amorosa ao processo dos educandos e ratifica o acolhimento das diferenças na escola e no mundo. Como enfatiza Mortari (2018, p. 244), “[...] educar o outro ao cuidado de si é uma ação que se guia pela intenção de promover no outro a paixão por tornar-se o próprio, podendo ser mais próprio através da busca daquelas coisas que têm o valor mais alto da vida”. Dessa maneira, o cuidado na educação inclusiva resgata o encantamento dos sujeitos pelo exercício de aprender, como veremos na próxima seção.

O cuidado de si como acolhimento de si mesmo e dos outros

A ampliação do conceito de cuidado envolve um aprofundamento do cuidado de si como instrumento de autoconhecimento dos educandos com deficiência intelectual. De fato, para Foucault (2006, p. 102), “[...] o cuidado de si tem como forma principal, senão exclusiva, o conhecimento de si: ocupar-se consigo é conhecer-se”.

Esse exercício do cuidado de si, na educação inclusiva, surge do olhar do educando sobre si mesmo. Sabe-se que, às vezes, não é uma tarefa fácil perante o contexto educacional e social de exclusão. No entanto, é papel da equipe interdisciplinar da escola e da família proporcionar aos educandos com dificuldade intelectual espaços de reflexão sobre si. Nessa perspectiva, Foucault assinala que:

[...] não se trata de *educare*, mas de *edúcere*: estender a mão, fazer sair, conduzir para fora. Vemos, pois, que de modo algum é um trabalho de instrução ou de educação no sentido tradicional do termo, de transmissão de um saber teórico ou uma habilidade. Mas é uma certa ação, com efeito, que será operada sobre o indivíduo, indivíduo ao qual se estenderá a mão e que se fará sair do estado, do *status*, do modo de vida (FOUCAULT, 2006, p. 165).

Considerando os aspectos apresentados por Foucault, a educação inclusiva assume uma tarefa muito importante na vida dos educandos, pois busca resgatar a dignidade desses sujeitos. É importante observar que o cuidado de si, em Foucault, não significa uma atividade egocêntrica. A pessoa com dificuldade intelectual na busca pelo autoconhecimento não está isolada do mundo e dos outros. Pelo contrário, para o filósofo (Ibidem, p. 165), “[...] o cuidado de si necessita da presença, da inserção, da intervenção do outro”. Dessa forma, o cuidado, no âmbito da educação inclusiva, concretiza-se no acolhimento de si e do outro.

O cuidado é fundamental no ambiente escolar, posto que é onde se encontram diferentes sujeitos e metodologias de aprendizagem. É nesse lugar de diversidade que o educando com deficiência intelectual, por meio da reflexão-ação, reconhece tanto suas potencialidades quanto suas limitações.

Nessa perspectiva, Silva e Freitas (2015, p. 222) destacam que “[...] é em função da experimentação dos limites e das contingências que nos fazem ser o que somos que podemos desenvolver práticas de criação e transformação de nós mesmos”. Tal processo de autoconhecimento, baseado no cuidado de si, torna as pessoas com deficiência intelectual sujeitos no processo de ensino-aprendizagem. Em uma perspectiva similar, Morin (2017, p. 95) destaca que a “autoanálise é uma exigência primordial da cultura psíquica; deveria ser ensinada desde o começo do ensino fundamental para se tornar uma prática tão costumeira quanto a cultura física”. Assim, percebe-se uma ruptura com a educação tradicional homogênea de transmissão pura e simples do conhecimento.

Ao refletir sobre cuidado de si, dos outros e do mundo, a educação considera a pessoa com deficiência intelectual como sujeito autônomo e com múltiplas habilidades e competências. A partir desse novo olhar sobre a inclusão, pode-se afirmar a escola como um espaço de acolhimento da diversidade humana.

Cabe assinalar que, por ser recente a reflexão sobre a educação inclusiva, no Brasil, o cuidado com os educandos com deficiência intelectual, às vezes, significa somente o acolhimento dos sujeitos na escola. No entanto, esse ato de acolher não significa necessariamente cuidar, visto que o cuidado exige atenção ao outro. Segundo Mortari (2018, p. 211), “quando estamos na presença de outros e não nos sentimos percebidos por uma forma de atenção, parece que não existimos: por esse motivo, a falta de atenção constitui uma experiência ameaçadora para a identidade pessoal”.

Ela não está preocupada somente com a dimensão cognitiva, mas também com a vida em sua totalidade. Nessa perspectiva, a educação passa a se preocupar com a formação integral dos sujeitos, isto é, “[...] cidadãos que, amanhã, saberão enfrentar a vida com eficiência e heroísmo e poderão exigir que corra para dentro do tanque a água clara e pura da verdade.” (FREINET, 2004, p. 19).

Isso significa que o cuidado como atenção garante a existência dos seres humanos. Em contrapartida, a ausência, como enfatiza Boff (2013), representa uma ameaça à vida, que depende do cuidado do outro para sua conservação no mundo. A educação inclusiva, ao cuidar, reconhece a necessidade do outro no processo de ensino-aprendizagem dos educandos com deficiência intelectual.

Cuidar dos alunos com deficiência intelectual é incentivar, portanto, a autonomia, as habilidades e as competências. Além disso, a atenção com esses educandos provoca uma reflexão crítica sobre o modo de proceder dos educadores. Eles, conscientes dessa heterogeneidade na sala de aula, começam a perceber o estilo de aprendizagem dos alunos.

O cuidado é, ainda, essencial para compreensão da complexidade do ser humano como ser de relação com outros e com o mundo. Da preocupação com os sujeitos com deficiência intelectual, surge a responsabilidade coletiva da escola com uma formação baseada no acolhimento e no respeito, tanto por parte dos docentes, como dos discentes.

Nessa perspectiva, Buber (1974) propõe uma relação Eu-Tu, na qual o Eu não é uma realidade em si, mas é relacional e dialógica. Por conseguinte, presume-se a presença e a relação com o outro. Esse outro, quando percebido como Tu, encontra-se verdadeiramente com o Eu. “O Eu se realiza na relação com o Tu; é tornando Eu que digo Tu. Toda vida atual é encontro” (p.13). A relação Eu-Tu, é uma relação entre alteridades, pautada no diálogo horizontal, que possibilita a aceitação e a integração do outro e do seu modo de existir no mundo, e substitui a relação Eu-Isso, pautada pela dominação e subjugação do outro. Mortari (2018, p. 224) observa que “[...] aceitar a realidade como ela é não significa renunciar ao que é diferente, mas procurar fios diversos para tecer o tempo, partindo, porém, da situação presente do ser-aí”. Aqui o reconhecimento da heterogeneidade resulta em uma educação do cuidado da vida e da formação para a vida.

Os educandos com deficiência intelectual assumem a sua existência histórica no mundo como sujeitos de transformação de um contexto sociopolítico de exclusão. A

educação inclusiva, tendo em vista os aspectos observados, vai além de um projeto de acessibilidade e currículo escolar. Ela precisa, segundo Freitas e Cardoso (2015), reconhecer que, por meio de variáveis ambientais, é possível moldar a estrutura cerebral, seja ela intacta ou alterada. Em condições que envolvem a aprendizagem de uma nova informação, como se sabe, pressupõe-se uma mudança estrutural com a reorganização das redes neuronais. Cosenza e Guerra (2011) apontam que o envolvimento da escola, família e profissionais pode permitir que o aprendiz, mesmo apresentando limitações cerebrais, atinja a plenitude de seu funcionamento.

Isso implica um desvelamento do sistema de exclusão dos sujeitos, fundamentado no ritmo de produção, o qual não respeita o tempo das pessoas com deficiência intelectual. Por essa razão, o cuidado visível no diálogo entre os sujeitos é também necessário no conhecimento do outro.

De acordo com Freire (2018), a ausência do diálogo na educação significa autoridade, opressão e rejeição. Freire (2000, p. 123) nos alerta, ainda, que “[...] é através do diálogo, refletindo juntos sobre o que sabemos e não sabemos, que podemos, a seguir, atuar criticamente para transformar a realidade”. Sabe-se que na relação de cuidado, tanto o cuidador quanto o sujeito cuidado são seres vulneráveis e dependentes um do outro. Quando há passividade e dominação por parte de um dos sujeitos não existe cuidado, visto que o cuidado se concretiza somente a partir de uma ação dialógica.

Sob esse ponto de vista, Freire (2018, p. 115) afirma que, “[...] a importância do silêncio no espaço da comunicação é fundamental”. Na educação inclusiva, o educando com deficiência intelectual necessita encontrar espaço de fala e de escuta. Portanto, em um diálogo aberto, a forma como o docente utiliza sua voz, gestos, olhares e palavras, tem a possibilidade de convidar o educando a participar ativamente da interlocução, num movimento dialético de palavras e silêncios.

Nota-se que tais sujeitos, muitas vezes, por timidez, medo e insegurança são silenciados no ambiente escolar. Em consequência disso, os educandos perdem o encantamento pelo conhecimento durante o processo de aprendizagem.

Ao refletir criticamente a respeito desse desencantamento, Freinet (2004) defende que os educandos, em um ambiente antidialógico, não buscam o conhecimento de forma voluntária, sendo forçados a vivenciá-lo cotidianamente com experiências sem significado.

Portanto, é possível averiguar, por meio da proposta de educação inclusiva, frustrações, desânimo, insegurança, ansiedade e, até mesmo, medo do ambiente escolar.

O processo de ensino-aprendizagem, fundamentado no cuidado, resgata, assim, a humanidade do educando com deficiência intelectual. Em diálogo com a equipe interdisciplinar — psicopedagoga, psicóloga, educadores e família —, os educandos, com autonomia, percebem-se como sujeitos de reflexão-ação no mundo. Trata-se de formar para o cuidado de si como instrumento de reconhecimento da vulnerabilidade e da importância da relação com os outros e com o mundo.

A educação inclusiva, por compreender a complexidade do educando, necessita promover espaços e materiais adaptados para docentes e discentes. Sendo assim, Fonseca salienta que:

Há que prever modificações: no contexto da organização escolar; no arranjo espaço-temporal da sala de aula; na instrução e na adaptação do currículo; na promoção de competências e habilidades cognitivas de organização, de atenção, de escuta e escrutínio, de processo e planificação da informação na aprendizagem; na implementação de estratégias de análise de tarefas etc. (FONSECA, 2015, p. 166).

Nota-se que o trabalho com o educando com deficiência intelectual envolve tanto a atenção quanto a preocupação. Dessa forma, não é possível refletir sobre a educação inclusiva em um sistema educacional que prioriza o método tradicional de transmissão do conhecimento.

A inserção desses alunos na escola exige mudanças físicas, pedagógicas e humanas, isto é, cuidado e responsabilidade com a vida e a formação dos sujeitos. Isso significa que “[...] o ato de escutar implica que o outro tome a palavra, de modo que a escuta se torna ação de cuidado quando é capaz de restituir ao outro a consideração por aquilo que ele está dizendo.” (MORTARI, 2018, p. 218).

Da escuta dos sujeitos com deficiência intelectual surge um espaço de acolhida, de libertação e de cuidado. Um ambiente de exclusão silencia os indivíduos e limita a reflexão-ação. Por esse motivo, o cuidado como ação de escuta é tão necessário na educação inclusiva. Daí nasce o diálogo e o reconhecimento do educando como sujeito ativo e participativo na transformação cuidadosa do mundo.

Nesta pesquisa, o cuidado, no âmbito da educação inclusiva, significa, conseqüentemente, um olhar atencioso e uma preocupação com o outro; concretiza-se na

autonomia dos sujeitos com deficiência intelectual e em seus modos de ser no mundo e com o mundo. Dessa maneira, infere-se que o cuidado, no processo do ensino-aprendizagem, envolve a responsabilidade pela inclusão e pela dignidade dos sujeitos.

Portanto, cuidar, na educação, é, ainda, segundo Arendt (2011), demonstrar amor aos outros e ao mundo, defender a vida e promover a autonomia dos educandos. É diálogo que liberta e desperta nos seres humanos o encantamento pelo conhecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

À guisa de conclusão, acreditamos que o cuidado é necessário para o resgate da dignidade e da consciência crítica do sujeito como ser no/com o mundo. Nesse sentido, o cuidado significa atenção, preocupação, diálogo, responsabilidade e uma ação amorosa com os outros.

A educação inclusiva não pode esquecer-se da sua essência, isto é, de cuidar dos educandos com deficiência intelectual com atenção e responsabilidade, promovendo a autonomia dos sujeitos. O cuidar, no âmbito educacional, torna-se um meio de conscientização sobre a importância do cuidado de si e dos outros. É inegável que o ato de cuidar não se pode resumir a um único sujeito, dado que é relacional e dialógico; ou seja, acontece no exercício da escuta e da fala, o que implica, por conseguinte, a interação de vários sujeitos. Além disso, não significa somente acolher o educando com deficiência intelectual no ambiente escolar, mas, sobretudo, garantir um espaço coletivo de dignidade humana.

Por isso, o cuidado é fundamental no processo de inclusão, pois representa, na educação inclusiva, um olhar atencioso e amoroso que reconhece o educando na sua singularidade e pluralidade. Em última instância, o ato de cuidar de si, de ocupar-se com outro e de preocupar-se com o mundo revela o modo do ser humano ser com outros e com o mundo.

REFERÊNCIAS

ARENDR, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. Tradução Mauro W. Barbosa. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.

BACHELARD, Gaston. **A dialética da duração**. Tradução Marcelo Coelho. 2. ed. São Paulo: Ática, 1994.

BOFF, Leonardo. **O cuidado necessário**: na vida, na saúde, na educação, na ecologia, na ética e na espiritualidade. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

BOFF, Leonardo. **Saber cuidar**: ética do humano – compaixão pela terra. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

BRASIL. **Lei nº 13.146, de 06 de julho de 2015**. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Brasília: Presidência da República, 2015. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm. Acesso em: 01 set. 2020.

BUBER, Martin. **Eu e Tu**. 2. ed. São Paulo: Moraes, 1974.

COSENZA, Ramon; GUERRA, Leonor B. **Neurociência e Educação**: como o cérebro aprende. Porto Alegre: Artmed, 2011.

DIAMENT, Aron. Aprendizagem e deficiência mental. In: ROTTA, Newra Tellechea; OHLWEILER, Lygia; RIESGO, Rudimar dos Santos. **Transtornos da aprendizagem**: abordagem neurobiológica e multidisciplinar. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DIAS, Sueli; DE OLIVEIRA, Maria Claudia. Deficiência intelectual na perspectiva histórico-cultural: contribuições ao estudo do desenvolvimento adulto. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, v. 19, n. 2, abr./jun. 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-65382013000200003>. Acesso em: 14 set. 2020.

FONSECA, Vitor da. **Cognição, Neuropsicologia e aprendizagem**: abordagem neuropsicológica e psicopedagógica. 7 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2015.

FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito**. Tradução Márcio Alves da Fonseca. Salma Tannus Muchail. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FREINET, Célestin. **Pedagogia do bom senso**. Tradução J. Baptista. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. **Medo e Ousadia**: o cotidiano do professor. Tradução Adriana Lopez. 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 57. ed. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2018.

FREITAS, Patricia; CARDOSO, Thiago. Contribuições da Neuropsicologia para a inclusão educacional: como enfatizar as potencialidades diante das deficiências? **APRENDER - Cad. de Filosofia e Psic. da Educação**, Vitória da Conquista, Ano 9, n. 14, p. 153-173, 2015. Disponível em: <http://periodicos2.uesb.br/index.php/aprender/article/view/3050>. Acesso em: 25 set. 2020.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. Tradução Marcia Sá Cavalcante Schuback. 15. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2005.

MORIN, Edgar. **Ensinar a viver**: manifesto para mudar a educação. Tradução de Edgar de Assis Carvalho e Mariza Perassi Bosco. Porto Alegre: Sulina, 2015.

MORIN, Edgar. **O método 6**: ética. Tradução de Juremir Machado da Silva. 5. ed. Porto Alegre: Sulina, 2017.

MORTARI, Luigina. **Filosofia do Cuidado**. Tradução Dilson Daldoce Junior. São Paulo: Paulus, 2018.

MORIN, Edgar. **Os setes saberes necessários à educação do futuro**. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. 2. ed. São Paulo: Cortez. 2000.

PORTILHO, Evelise Maria Labatut; ALMEIDA, Siderly do Carmo Dahle de. Avaliando a aprendizagem e o ensino com pesquisa no Ensino Médio. **Ensaio: aval. pol. públ. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 60, p. 469-488, jul./set. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ensaio/v16n60/v16n60a09.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2020.

SILVA, Nyrluce Marília Alves da; FREITAS, Alexandre Simão de. A ética do cuidado de si no campo pedagógico brasileiro: modos de uso, ressonâncias e desafios. **Pró-Posições**, Campinas, v. 26, n. 1, p. 217-233, jan./abr. 2015. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8642427>. Acesso em: 01 ago. 2020.

VYGOTSKY, Lev Semionovitch. **Obras escogidas**: Tomo V. Fundamentos de defectología. Madrid: Visor, 1997.

Recebido em: 29/07/2020

Parecer em: 26/04/2021

Aprovado em: 30/05/2021